

Editorial

Revista do Serviço Público - uma história de 80 anos

Oitenta anos de idade
Saudade da meninice
Tão longe da mocidade
Tão pertinho da veísse

[...]

Não me lastimo da sorte
A veísse não me espanta
Carro de boi lá no norte
Quanto mais véio, mais canta

Zé da Luz – poema 80 anos

A contagem do tempo nos serve para organizar a vida. Ou simplesmente para nos dar vida. O sertanejo Zé da Luz, colocado aqui em epígrafe com o seu sugestivo poema 80 anos, nos dá pistas disso. O tempo não é uma coisa. Não é uma parte do universo. Com a curiosidade de um sertanejo acostumado aos cordéis, Zé da Luz nos dá um caminho interessante. O tempo não é coisa, não é uma percepção pura. Diria Emmanuel Kant que o tempo pertence à razão pura e está alheio à nossa experiência. Mas o paraibano não se enganou. Descrevendo um Brasil cangaço, percebeu que o tempo depende da experiência. A velhice é algo que não nos convém. É uma convenção tola. A experiência, sim, é componente de um tempo, o qual deva estar suspenso no bem viver. Mais do que uma “veísse” cantada em cordéis, a Revista do Serviço Público deve celebrar os seus 80 anos e ao mesmo tempo não se espantar com a sua juventude.

A Revista do Serviço Público não deve reclamar de sua sorte. Longe da mocidade ela está. Aos exatos 10 dias do mês de novembro de 1937, a Revista do Serviço Público nascia sorrindo no seio do Estado Novo. Um Brasil do progresso, o qual estampado em seu estandarte, se construía. A RSP nasceu sorrindo para um Brasil que queria profissionalizar, na altura do ano de 1937, o seu serviço público. E nasceu fazendo traquinagens. Que belo tempo aquele em que a vontade se expressava. Uma mocidade em que todos tinham razão.

O Estado Novo então se anunciava em suas páginas. Nos termos de uma sociedade hierarquizada, desigual e corrompida, de instituições que não funcionavam e de um vazio de ideias, o pensamento autoritário aflorava em suas páginas. A tal novidade foi a traquinagem de meninos. Jamais seria possível pensar uma reforma da vida social no Brasil sem a reforma do serviço civil. A novidade que então se anunciava em suas páginas fez a Revista do Serviço Público ser concebida como um programa. O seu compromisso, em sua juventude, seria promover a inteligência, a informação e o espírito novo.

Assim nos descreve o seu primeiro artigo, feito na eloquência da tinta de Azevedo Amaral, intelectual e jornalista influente na concepção do Estado Novo:

Tendo de tornar-se assim o órgão central de propulsão e orientação de um movimento racionalizador, destinado a influenciar todos os planos da vida coletiva nacional, o Estado evidentemente precisava atender a uma preliminar imprescindível. Antes de estabelecer a ordem na economia social, cumprilhe pôr em ordem a sua própria casa.

Essa juventude acreditava que a profissionalização do serviço público seria a chave para pôr em ordem a casa desse Estado Novo. A Revista do Serviço Público nasceu sorrindo para o novo, dentro do Conselho Federal do Serviço Público Civil (CFSPC). O CFSPC era órgão central da administração, sendo, antes de qualquer coisa, instrumento de coordenação e de sistematização racional de todas as peças da maquinaria executiva do Estado. Entre seus conselheiros, que figuraram nas primeiras páginas da RSP, estavam Luiz Simões Lopes, Eller Jansen de Mello, José Francisco de Mattos, Moacyr Ribeiro Briggs, Mário Bittencourt Sampaio. Seriam esses os líderes da juventude do Novo Estado.

No seu nascimento, a Revista do Serviço Público foi ser o veículo de ideias e concepções de mundo a respeito da burocracia, para a construção da informação e do conhecimento. Não acuse, caro leitor, o voluntarismo ali expresso. Ele haveria de estar no espírito do tempo. O Estado, então Novo, era uma mocidade cheia de vontade. E que estava então na condução intelectual de Azevedo Amaral, crítico da

República, da corrupção, da desorganização, do atraso. A República era Velha. O Estado era Novo. E a Revista do Serviço Público cumpriria a sua missão de veículo da mocidade. Mais do que uma publicação, a RSP era um programa de mudanças. A menina traquina que ali se arvorava foi logo defender suas ideias. A Lei do Reajustamento do Funcionalismo (Lei nº 284 de 28/10/1936) foi a primeira tarefa. E a criação do Departamento de Administração do Serviço Público (Dasp), em 1938, seria o condutor institucional da mudança. Que ironia. A então menina Revista do Serviço Público difundiu as ideias que balizaram a criação do Dasp.

Na RSP tínhamos o nascedouro da burocracia no Brasil, entendida como processo de racionalização taylorista; especialização gradativa de funções e cargos; uniformidade salarial, que reduzisse as percepções de privação; desenvolvimento técnico, que relegasse o formalismo – tão devastador para os jovens – a um plano subalterno. O espírito do tempo nos trazia o novo. Uma concepção de eficiência administrativa em um sistema presidencialista e com o objetivo de criar uma democracia orgânica, influenciada pelas ideias de Harold Laski. Uma democracia orgânica com um Estado autoritário só poderia ser criada por jovens idealistas. Ideias frescas no seu tempo, mas sem o acúmulo da experiência.

Os 80 anos de idade que nos dão saudade da menina têm essas questões. Hoje podemos aprender com o tempo. Nas páginas da Revista do Serviço Público temos a história da burocracia no Brasil. Que peso da experiência! As páginas já velhas e amareladas representam as cascas do serviço público no Brasil. Com elas temos os momentos bons e felizes, as novidades que outrora nos apresentavam. Os editais para concurso de datilógrafos, a definição da tinta de canetas em documentos públicos. Tudo era novo na tarefa da construção do Brasil grande! Mas também as crises, as reviravoltas, os sacrilégios. Como é doce e ousada a menina. Imagine ver, nas páginas de um veículo de difusão de ideias, a propaganda de bebidas, cigarros e cassinos. Somente a menina da primeira fase da Revista do Serviço Público poderia proporcionar isso.

Como é saudável revisitar essa história e revirar as páginas já carcomidas do tempo. Quer dizer, carcomidos seremos nós se não olharmos a experiência acumulada nos 80 anos da Revista do Serviço Público. A juventude está nas páginas hoje envelhecidas da RSP. E essa juventude de outrora precisa ser revisitada. Muito aprenderemos com o acúmulo do tempo. Não nos iludamos. O tempo é severo. Mas não nos devemos lastimar da sorte. Se a Revista do Serviço Público nasceu sorrindo para o Estado Novo, sendo o seu veículo de construção de ideias, a sua adolescência foi um tempo de crise.

Quanta mudança veio com o fim do Estado Novo. Mas a persistência da ideia de mudança administrativa ali se fixou. As páginas da RSP começaram a trazer um tema ainda candente e atual. As reformas administrativas passaram a ser a tônica do tempo em crise. Mudar para melhorar. Acumular para gerar riqueza. Não mais nos moldes do voluntarismo da meninice. Mas no acúmulo de responsabilidades e compromissos com a ideia de coisa pública. Não podemos ser mais voluntariosos quando negociações e consensos precisam ser formulados. Viver em uma democracia – no caso, a democracia da República Nova – significa ser capaz de difundir ideias de forma plural. É o momento da técnica. O Dasp, naquele momento, era o locus da produção de uma administração científica do serviço público, orientada por uma “sociologia em mangas de camisa”, na expressão de Guerreiro Ramos. Uma técnica pragmática de um saber ao mesmo tempo aplicado e ao mesmo tempo propositivo. E coube à RSP, em novo formato, difundir a técnica, o planejamento e a racionalidade do serviço público. Ainda em uma dureza dos métodos. Mas alicerçada em uma perspectiva de profissionalização e saudosa do futuro então projetado.

Ainda jovens, por vezes o voluntarismo nos impregna. Crises nos afetam. Mas a resiliência da Revista do Serviço Público se fez florescer. Depois de um momento de interrupção, com crises políticas que resultaram em uma nova onda autoritária, a RSP retornava. Planejamento era a palavra de ordem. Arrisco a dizer que, ao entrar na idade adulta, a Revista do Serviço Público passou a planejar. Muitos de seus artigos se destinavam à racionalização, à definição de estratégias de desenvolvimento e à consecução de resultados. Os anos de 1960 e 1970 foram tomados por isso. Estão nas páginas da RSP a crise do Dasp, a necessidade de nova reforma e os condicionantes do tempo. Integrar o país, planejar a vida, crescer. Nossa biografia não se fez sem o fito da experiência. Essas eram as novidades da vida estampadas nas páginas da RSP. Como o avançar do tempo nos tortura. Estamos chegando perto da velhice. E, quando ali defrontamos, desafios se colocaram. Que o diga o Decreto-Lei nº 200 de 1967, tão debatido e discutido no decurso do tempo que nos arvorava. O mesmo espírito autoritário ainda nos acoarçoa. Planejar para crescer. Crescer para desenvolver. Desenvolver para mudar a vida social. Nem tudo são flores. O tempo é autoritário. Não é uma coisa. É uma experiência.

Se para uns o tempo é linear, para outros o tempo é cíclico. Não importa. Ele é autoritário e voluntarista. O tempo é senhor de nossa existência. Não nos coloquemos na posição de devorarmos os nossos próprios filhos, como o fez Cronos. A experiência diz o que somos. E devemos reconhecer isso com a tranquilidade dos velhos. Sem preconceitos, ou prejuízos. O futuro ali se alojava nas páginas

gastas pelo tempo. Os 80 anos da Revista do Serviço Público é isso. Se ela cantou a estratégia do desenvolvimento, novas crises surgiram e a aborreceram.

A maturidade da Revista do Serviço Público veio com o retorno da democracia. Novo futuro se aproximava. A democratização do serviço público seria a tônica, mediada pelo desenvolvimento dos mecanismos gerenciais, criação de carreiras, organização de concursos, desenvolvimento de recursos humanos. A Revista do Serviço Público já era mais velha que a sua nova casa. Criada no CFSPC, fortificada no Dasp, ganharia vida nova na Escola Nacional de Administração Pública (Enap), em 1986. O novo a florava. Mas sem as loucuras da juventude. Sem traquinagens ou subversões. Mas com os objetivos do futuro que estavam no passado. Buscávamos o novo na insistência da profissionalização, na racionalização, na organização e na eficiência do serviço público.

A democratização do Estado era a meta. Em sua maturidade, os métodos da democracia devem compor o seu repertório. Não é o tempo de vontades que só a meninice pode nos dar. É tempo de responsabilidade e compromissos que a maturidade nos traz. O tempo é nosso senhor. Mas a experiência acumulada é a arma com que podemos nos libertar de sua tirania.

Na democracia, a reflexão é o método. E essa é a proposta renovada da Revista do Serviço Público. Ser um veículo plural, feito da controvérsia e debate. Sem as armadilhas que a juventude nos imputa. Mas livre do voluntarismo e da impaciência. Novas mudanças virão. Novas crises podem surgir no horizonte. Mas devemos ser capazes de olhar a realidade da experiência acumulada nestas páginas. São 80 anos com os quais não devemos nos espantar. Apenas cantar. Sorrir para o futuro, tal qual no movimento do seu nascimento. Mas com o condão da experiência de uma vida longa. Que deve alongar-se mais ainda para continuarmos tendo saudade do futuro.

Belos objetivos. Os 80 anos da Revista do Serviço Público são os 80 anos da Administração Pública no Brasil.

Se algo resume a Revista do Serviço Público é a saudade do futuro. Idealizamos nestas páginas um futuro que não se realiza. Que ótimo! Essa expressão, cunhada por Fernando Pessoa, deve impregnar a mente do leitor atento a essa história de 80 anos da Revista do Serviço Público. Temos saudade de um futuro que se apresentava nas páginas da RSP. E essa saudade do futuro deve nos animar no presente. Quanto mais velha, mais a RSP deve cantar o futuro. E quanto mais ela cantar, mais jovem será, permitindo-se, no arauto de sua idade, meninices. Mas quando ela resmungar, cunhar o respeito que merece o presente.

Assim façamos, para que os 80 anos da Revista do Serviço Público sejam o alimento de um tempo presente. Novos desafios, novas conjecturas. Que o futuro seja a velha saudade nestas páginas singelamente prensadas. Ideias devem nos movimentar. Um novo tempo devemos vislumbrar e construir. A saudade do futuro deve ser o propulsor do movimento que aqui se impõe. O tempo da experiência não é coisa. Muito menos a pureza dos incautos. São páginas carcomidas que renovam o nosso espírito novo e traçam a nossa vitória.

Vida longa à Revista do Serviço Público!

Fernando Filgueiras

Editor-Chefe

Revista do Serviço Público